

# Educação empreendedora como estratégia de permanência e autonomia estudantil: Projeto Trilhas de Empreendedorismo UFG

**Fernanda Paula Arantes Manso**

Universidade Federal de Goiás | [arantes.fp@ufg.br](mailto:arantes.fp@ufg.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-4751-1911>

**Bianca Mariano Porto**

Universidade Federal de Goiás | [bianca@grifa.me](mailto:bianca@grifa.me)  
<https://orcid.org/0000-0003-3915-6339>

**Lorrana Laila Silva de Almeida**

Universidade Federal de Goiás | [lorranalaila@ufg.br](mailto:lorranalaila@ufg.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-3462-7445>

**Cândido Vieira Borges Junior**

Universidade Federal de Goiás | [candidoborges@ufg.br](mailto:candidoborges@ufg.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-3362-4074>

**Resumo:** Este relato técnico descreve o processo de desenvolvimento, implementação e avaliação do projeto Trilhas de Empreendedorismo UFG, fundamentado em abordagens contemporâneas do ensino do empreendedorismo. O principal objetivo foi criar um sistema de apoio a estudantes universitários de baixa renda com perfil empreendedor. Os resultados preliminares apontam contribuições relevantes para o fortalecimento da autonomia socioeconômica dos participantes, por meio do aumento da renda e do desenvolvimento de competências empreendedoras. O projeto representa uma resposta concreta à demanda por transformação social, promovendo uma educação empreendedora inclusiva, crítica e prática. **Palavras-chave:** educação empreendedora, empreendedorismo jovem, trilhas de empreendedorismo, inclusão produtiva, vulnerabilidade social

**Abstract:** This technical report describes the process of developing, implementing, and evaluating the UFG Entrepreneurship Trails project, based on contemporary approaches to teaching entrepreneurship. The main objective was to create a support system for low-income university students with an entrepreneurial profile. Preliminary results point to relevant contributions to strengthening the socioeconomic autonomy of participants through increased income and the development of entrepreneurial skills. The project represents a concrete response to the demand for social transformation, promoting inclusive, critical, and practical entrepreneurial education.

**Keywords:** entrepreneurial education, youth entrepreneurship, entrepreneurship trails, productive inclusion, social vulnerability

## 1 Introdução

A situação socioeconômica dos estudantes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras evidencia a necessidade de ações que promovam autonomia e inclusão

produtiva. Cerca de 70% possuem renda familiar per capita de até 1,5 salário-mínimo, sendo 53,5% com até um salário-mínimo (Andifes, 2019). Na Universidade Federal de Goiás (UFG), 46,4% vivem com menos de 0,5 salário-mínimo (Universidade Federal de Goiás [UFG], 2024). Essa vulnerabilidade tem sido associada ao aumento da evasão acadêmica, especialmente entre jovens de baixa renda (Barroso et al., 2022). Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), 70% dos jovens brasileiros entre 18 e 34 anos empreendem por necessidade, geralmente em atividades de baixa produtividade e sem apoio técnico (GEM, 2024b). Apesar disso, o sistema de apoio universitário ao empreendedorismo tende a priorizar negócios tecnológicos/inovadores, alheio às condições reais enfrentadas pela maioria dos estudantes (Tung et al., 2023).

Nesse cenário, foi desenvolvido o projeto Trilhas de Empreendedorismo UFG, alinhado à proposta de Degen (2008), que defende o papel das universidades como agentes socializantes capazes de formar empreendedores com maturidade e senso crítico. O projeto ofertou duas trilhas formativas voltadas a empreendedores de baixa renda, potenciais ou em operação, com foco em negócios tradicionais.

As trilhas combinaram conteúdos conceituais com práticas de mentoria, consultorias individuais e coletivas, palestras, oficinas, além da conexão com o mercado e com comunidades (mulheres, pessoas pretas etc.), promovendo a inclusão. A iniciativa também se alinha à meta 4.4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2025), que visa ampliar competências técnicas e profissionais para o trabalho decente e o empreendedorismo. O objetivo deste relato técnico é descrever o processo de desenvolvimento, implementação e avaliação inicial do Trilhas de Empreendedorismo UFG.

## 2 Referencial Teórico

A evasão acadêmica é um fenômeno multifacetado, frequentemente relacionado a desigualdades estruturais que atravessam a trajetória educacional dos estudantes, especialmente daqueles em situação de vulnerabilidade social. Embora estudos como o de Nierotka et al. (2023) indiquem que a renda isoladamente não tem associação estatisticamente significativa com a evasão, sua influência é mediada por fatores institucionais e contextuais, como políticas de apoio, acolhimento e qualidade da experiência universitária (Nierotka et al., 2023; Barroso et al., 2022).

Nesse contexto, o apoio social é estratégico para mitigar desigualdades, como reconhece a Política Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), ao garantir condições de permanência e êxito nas IFES (Ministério da Educação, 2024, julho). Iniciativas como bolsas de auxílio, moradia, alimentação e transporte reduzem significativamente os riscos de evasão (Santos Junior & Real, 2019; Nierotka et al., 2023).

Apesar da renda não ser um preditor isolado, 70% dos estudantes das IFES têm renda per capita de até 1,5 salário mínimo (Andifes, 2019), e cerca de 27% vivem em situação de pobreza (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, s.d.), o que impacta diretamente o desempenho acadêmico, a saúde mental e a dedicação aos estudos. Diante dos desafios financeiros e acadêmicos que ameaçam sua

permanência e sucesso no ensino superior, muitos estudantes são levados a adotar estratégias criativas e resilientes para lidar com os obstáculos econômicos, o que pode incluir atividades informais de geração de renda (Aronson & Fleming, 2023). Desta forma, o empreendedorismo estudantil em contextos emergentes deve ser compreendido não apenas como uma opção de carreira, mas como uma resposta condicional a pressões estruturais, exigindo políticas educacionais e econômicas mais sensíveis à realidade desses jovens (Okolie, 2025).

Em estudo longitudinal realizado em economia emergente, Okolie (2025) verificou que diversos participantes relataram que iniciaram seus negócios como uma estratégia para pagar mensalidades, materiais de estudo, alimentação e transporte, já que o apoio financeiro familiar era limitado ou inexistente. Esse fator foi um gatilho direto para o início da atividade empreendedora, ou seja, o empreendedorismo surgiu não por ambição, mas por necessidade de permanecer no curso universitário.

Nota-se que esse tipo de empreendedorismo não seguiria os modelos tradicionais de inovação ou oportunidade, mas sim estratégias de sobrevivência adaptativa. Além disso, conforme aponta o GEM Brasil (2024a,b), uma parcela expressiva da juventude brasileira recorre ao empreendedorismo por necessidade, inserindo-se precariamente no mercado de trabalho, o que tende a comprometer o vínculo com os estudos.

Trata-se de uma prática adaptativa que, frequentemente, compromete o vínculo com os estudos e reflete a exclusão social e a precarização do trabalho (Bulgacov et al., 2011). Para transformar essa realidade, são necessárias políticas de formação empreendedora que aliem treinamento, assistência técnica e microcrédito. No entanto, estudos mostram que egressos ainda não desenvolvem as competências práticas necessárias para empreender (Amadi-Echendu et al., 2016; Silva et al., 2021), o que reforça a importância de integrar a educação empreendedora aos currículos por meio de metodologias ativas e interdisciplinares.

Reconhece-se o papel das instituições de ensino superior como catalisadoras do empreendedorismo baseado no conhecimento. Entretanto, o foco dos estudos sobre a temática tem se concentrado em iniciativas empreendedoras que se originam do conhecimento gerado dentro das universidades, especialmente pesquisa científica e tecnológica, inovação e propriedade intelectual. Isto é, o sistema de apoio universitário ao empreendedorismo tende a priorizar negócios tecnológicos/inovadores, desconsiderando a realidade da maioria dos estudantes (Tung et al., 2023).

Dado esse panorama, é fundamental que as IES não apenas mantenham, mas aprofundem políticas internas de acolhimento e permanência (Santos Junior & Real, 2019). A evasão não pode ser compreendida apenas como uma decisão individual, mas como resultado de interações complexas entre condições socioeconômicas, políticas institucionais e experiências acadêmicas (Nierotka et al., 2023). Portanto, reforçar o apoio social e promover ações que fortaleçam a permanência são estratégias imprescindíveis para enfrentar, de forma equitativa, os desafios da evasão no ensino superior.

### 3 Método de Produção Técnica

Para o desenvolvimento do presente artigo, foram utilizadas as metodologias de relato técnico e estudo de caso (Biancolino et al., 2012; Saunders et al., 2009; Yin, 2001). Trata-se de um estudo que foi executado no âmbito de uma IFES brasileira, envolvendo experiências reais de alunos de graduação de distintas áreas de formação, como administração, direito, engenharias, canto, física, química, história, biotecnologia, enfermagem, medicina, entre outras.

Os relatos técnicos são artigos tecnológicos elaborados onde os processos em desenvolvimento englobam orientações acerca de ferramentas e técnicas de gestão aplicadas às experiências organizacionais, refletindo na aprendizagem dos participantes, analisando e prescrevendo soluções reais de caráter técnico e oportunidades de melhorias (Biancolino et al. 2012; Martens et al. 2014).

Nesse sentido, o estudo envolveu a elaboração, desenvolvimento e aplicação prática de um projeto de pesquisa e extensão intitulado Trilhas de Empreendedorismo UFG, objetivando oferecer um sistema de apoio a estudantes universitários de baixa renda com perfil empreendedor, através da promoção da autonomia socioeconômica pelo aumento da renda e o desenvolvimento da capacitação empreendedora.

O projeto foi concebido a partir da ação conjunta entre a UFG e o Laboratório de Pesquisa em Empreendedorismo e Inovação (Lapei), vinculado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE) da mesma instituição. A iniciativa envolveu graduandos que já possuíam algum tipo de negócio, bem como aqueles que detinham o desejo de empreender, oferecendo-lhes ferramentas, conhecimentos e redes de apoio imprescindíveis para transformar ideias em empreendimentos rentáveis e organizados.

A metodologia do projeto foi delineada a partir de julho de 2024, inspirada na abordagem do Design Thinking (Brown, 2020) e fundamentada em um processo participativo de escuta ativa. Os dados foram produzidos em duas etapas. Na primeira, voltada à construção e validação do projeto, realizaram-se pesquisa documental, entrevistas e grupos focais virtuais com 11 estudantes empreendedores ou aspirantes, gravados e resumidos com apoio da plataforma Read AI. Uma pesquisadora conduziu as perguntas enquanto a equipe registrava anotações, sem transcrição integral ou uso de software, dada a natureza exploratória da etapa. As contribuições obtidas orientaram a definição de conteúdos e formatos do Trilhas de Empreendedorismo UFG.

Em paralelo, uma pesquisa *desk* mapeou boas práticas de apoio ao empreendedorismo em universidades e instituições, servindo de base para adequação ao contexto local. Desse processo emergiram dois perfis de público-alvo: i) Empreendedores em Operação – estudantes já atuantes em negócios próprios, formalizados ou não; e ii) Empreendedores Potenciais – estudantes com intenção de empreender a curto prazo, ainda em fase de ideação do modelo de negócio. A segunda etapa, realizada após a primeira edição do projeto, consistiu na análise dos resultados, com base em formulários de satisfação, relatórios,

observações da equipe e demais documentos, tratados de forma qualitativa e descritiva, os quais embasam este relato.

#### **4 Contexto do Projeto e Situação-Problema**

Com atuação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, a UFG tem como objetivo a produção, sistematização e socialização de conhecimentos e saberes, com foco na formação profissional e cidadã dos alunos. Trata-se de uma IFES com mais de 60 anos de história, que acredita na transformação e no desenvolvimento da sociedade através da formação dos estudantes. Composta por mais de 100 cursos de graduação distribuídos nos diversos câmpus, até o momento da redação deste relato técnico, a instituição analisada contava com um total de 20.113 estudantes de graduação (UFG, 2025), distribuídos em dois câmpus da capital goiana, um câmpus de Aparecida de Goiânia e um câmpus da Cidade de Goiás.

A situação-problema evidenciada neste relato técnico decorre da realidade vivenciada pelos estudantes inseridos nos quatro câmpus citados. Conforme apresentado na introdução, 46,4% dos alunos da UFG vivem com menos de 0,5 salário mínimo (UFG, 2024), vulnerabilidade que os leva a buscar fontes de renda para se manterem na universidade e que pode influenciar a evasão acadêmica dos jovens.

Em estudo prévio conduzido para análise contextual, validação e desenvolvimento do projeto Trilhas de Empreendedorismo UFG, o qual partiu das premissas da abordagem do Design Thinking (Brown, 2020), constatou-se que muitos estudantes que se enquadram no perfil de baixa renda buscam criar alternativas de complementação financeira, como a abertura de pequenos negócios. Todavia, essas iniciativas muitas vezes acontecem sem uma preparação ou conhecimentos básicos sobre empreendedorismo, impactando diretamente nos resultados e na atuação financeira dos empreendimentos dos estudantes.

Com isso, dado o contexto apresentado, o Trilhas de Empreendedorismo UFG teve como objetivo a criação de um sistema que apoiasse os estudantes universitários, em especial os de baixa renda, com perfil empreendedor, contribuindo para uma melhor atuação dos empreendimentos já existentes, bem como aqueles em fase de ideação, caracterizados como empreendimentos potenciais. Assim, buscou-se fortalecer a autonomia socioeconômica dos participantes, especialmente a partir do aumento da renda e do desenvolvimento das competências empreendedoras.

#### **5 Resultados: Intervenção e Mecanismos Adotados**

O Trilhas de Empreendedorismo UFG é um projeto de pesquisa e extensão universitária, promovido pela UFG, por meio do Lapei (FACE/UFG). A intervenção buscou atender tanto alunos que já operavam negócios próprios, quanto aqueles que desejavam iniciar empreendimentos como estratégia de geração de renda e permanência estudantil. O público-alvo incluiu especialmente alunos de baixa renda, que viam no empreendedorismo uma alternativa viável para levantarem recursos e se manterem na universidade.

As ações realizadas envolveram estudantes dos quatro câmpus, sendo eles: Câmpus Aparecida de Goiânia, Câmpus Colemar Natal e Silva, Câmpus Samambaia, localizados na

região metropolitana de Goiânia (capital); e Câmpus Goiás, localizado na Cidade de Goiás, a aproximadamente 142 km da capital. Puderam participar das atividades os estudantes de todos os cursos de graduação, independentemente de câmpus e área de atuação. A intervenção se deu por meio de trilhas formativas com oficinas, consultorias, mentorias e feiras de exposição, organizadas nos diferentes câmpus da universidade.

O projeto foi estruturado em duas trilhas específicas (Empreendedor Potencial e Empreendedor em Operação), cada uma com uma composição de atividades e conteúdos adaptados ao nível de maturidade dos empreendimentos dos participantes e que partiram de metodologias de ensino ativas, alinhando-se diretamente ao pensamento efetual proposto por Sarasvathy (2001). Ambas as trilhas tiveram carga horária total de 30 horas (sem considerar as feiras de encerramento) e exigência de frequência mínima de 75% para conclusão. Para o lançamento oficial, foi realizada transmissão ao vivo pelo canal oficial da UFG no YouTube, o qual contou com a participação da Reitora Angelita Lima, do coordenador do Lapei, Cândido Borges, e de uma empreendedora convidada, Fernanda Souto, egressa do curso de Nutrição da UFG e proprietária de empresa de confeitaria (Universidade Federal de Goiás, 2024, 12 de setembro).

O Trilhas de Empreendedorismo UFG teve início com um encontro de abertura, com duas horas de duração, destinado aos participantes de ambas as trilhas de cada câmpus, com o objetivo de apresentar o projeto e alinhar expectativas. Foi realizado um encontro de abertura em cada câmpus da UFG, sendo o do Câmpus Goiás conduzido de maneira virtual. Após esse momento, os estudantes passaram por consultorias individuais com especialistas, a fim de realizar o diagnóstico inicial dos empreendimentos e das ideias de negócio. Esclarece-se que para ambas as trilhas foram designados consultores por câmpus da universidade, responsáveis por orientar os estudantes participantes. Esses consultores possuíam ampla experiência em empreendedorismo, sendo alguns deles externos à universidade. Foi realizado um total de 2 horas de consultoria individual por participante.

Como atividades coletivas destinadas aos participantes de ambas as trilhas, foram realizadas, ainda: a) Palestra sobre Gestão de Tempo (1h30), com apresentação de técnicas e ferramentas para conciliar atividades empreendedoras e acadêmicas; b) Consultorias coletivas (30h realizadas, divididas em 4 grupos), caracterizadas como espaços semanais de troca entre pares e orientação conjunta com consultores. Os participantes puderam escolher quais encontros frequentar, desde que cumprissem a carga horária mínima exigida; e c) Mentorias com empreendedores convidados (2h), encontros com profissionais de nichos semelhantes aos dos empreendimentos dos alunos. A seguir, são detalhadas as atividades específicas de cada uma das trilhas que compõem o Trilhas de Empreendedorismo UFG.

### 5.1 Trilha Empreendedor em Operação

A Trilha Empreendedor em Operação é voltada a estudantes que já possuem negócios em funcionamento, formais ou informais. Além das atividades mencionadas no tópico anterior, foram realizadas: a) Oficina de Finanças, com ênfase em precificação e fluxo de caixa (3h),

voltada à organização financeira dos negócios; e b) Oficina de Marketing Digital, (3h), com foco na presença digital e estratégias de atração de clientes, realizada de maneira síncrona, virtualmente. As consultorias individuais desta trilha tiveram o objetivo de realizar um acompanhamento personalizado do plano de melhoria do negócio, a partir de diagnóstico realizado conjuntamente ao consultor no encontro inicial.

### 5.2 Trilha Empreendedor Potencial

Destinada a estudantes que desejam criar um novo negócio, essa trilha teve como foco a estruturação da ideia empreendedora e sua validação inicial. As atividades incluem: a) Oficina Primeiros Passos (3h), de introdução ao *Design Thinking* e validação de ideias; e b) Oficina de Modelagem de Negócios (3h), de estruturação das principais dimensões do negócio com apoio da ferramenta *Business Model Canvas*. Apesar da distinção entre os dois públicos, o projeto Trilhas permitiu que os participantes transitassem entre atividades de ambas as trilhas, respeitando suas disponibilidades e necessidades. Além disso, para facilitar a adesão, os cronogramas foram adaptados à realidade dos diferentes câmpus da UFG, com reposições ofertadas para alunos que não puderam comparecer às oficinas regulares.

O projeto também integrou momentos coletivos e encontros temáticos, como mentorias com empreendedores da área de alimentação, moda, artesanato, serviços, consultoria e confeitaria, bem como painéis com representantes de comunidades empreendedoras locais (ex.: mulheres empreendedoras e empreendedores pretos) e programas de apoio ao empreendedorismo da própria universidade. Os professores das oficinas eram mestres e doutores, com formações relacionadas aos temas ministrados e experiência em empreendedorismo, sendo dois deles externos à UFG, porém colaboradores do Lapei.

### 5.3 Feiras

Como culminância das trilhas, foram realizadas duas feiras de exposição e comercialização nos Câmpus Samambaia e Colemar Natal e Silva. Esses eventos funcionaram como espaços para que os estudantes pudessem apresentar seus produtos e serviços à comunidade universitária e ao público externo, testando suas propostas de valor em um ambiente real. Para os empreendedores em operação, a feira foi uma oportunidade de ampliar a visibilidade do negócio e gerar receita. Para os empreendedores em potencial, a feira funcionou como laboratório de validação, networking e estímulo à ação empreendedora. A participação nas feiras também fez parte dos critérios de conclusão das trilhas.

## 6 Discussão e Análise dos Resultados

A primeira edição do Trilhas de Empreendedorismo UFG dispunha de 100 vagas. Foram recebidas 238 inscrições de discentes de 79 cursos da UFG, das quais 212 foram homologadas por atenderem os critérios estabelecidos (estar regularmente matriculado em curso de graduação da instituição; ser empreendedor ou ter a intenção de empreender no

curto prazo; ter disponibilidade de participar das atividades do programa). Considerou-se como empreendedor o estudante que exerce atividade econômica por conta própria, como a venda de produtos ou a prestação de serviços. O seu empreendimento poderia ou não estar registrado (possuir ou não Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica). Não se considerou para os fins de participação no projeto os empreendimentos de base tecnológica (ex.: startups).

Após a homologação, a equipe responsável entrou em contato com todos os inscritos com inscrição homologada, a fim de explicar a dinâmica do projeto e confirmar o interesse na participação, sendo 123 participações confirmadas. Desta forma, não foi realizada etapa de seleção de participantes, uma decisão da equipe gestora do projeto. Contudo, dado o caráter presencial de algumas atividades, 99 estudantes iniciaram efetivamente, participando de pelo menos uma atividade, uma evasão esperada no contexto de atividades presenciais e gratuitas. Ao final da etapa das oficinas, estudantes de 39 cursos de graduação da UFG atingiram o mínimo de 75% de presença exigido. Considerando que a entrega do projeto final era condição necessária para concluir as trilhas e obter o certificado, 55 participantes finalizaram formalmente suas atividades. A Tabela 1 apresenta esses resultados por trilha.

Tabela 1 - Participantes do Projeto Trilhas de Empreendedorismo

	Trilha empreendedor potencial	do Trilha do empreendedor em operação	Total
Inscrições	132	106	238
Homologadas	120	92	212
Iniciaram atividades	50	49	99
Concluíram a etapa presencial	39	45	84
Atenderam os requisitos e concluíram a participação	24	31	55

Fonte: elaborada pelos autores.

Um dos desafios identificados para a conclusão do projeto foi a proximidade do final do semestre letivo, período marcado por múltiplas entregas e avaliações na graduação. Para futuras edições, sugere-se alinhar de forma mais cuidadosa o cronograma das atividades do Trilhas com o calendário acadêmico, de modo que ações como feiras de exposição de produtos e serviços ocorram em momentos que favoreçam maior participação dos estudantes, bem como a finalização e entrega dos projetos.

Embora o projeto tenha sido planejado para apoiar estudantes de baixa renda, empreendedores e aspirantes, não houve limitação de participação de alunos que não se encaixassem nesse perfil. Ao todo, 26,3% dos discentes participantes se autodeclararam pertencentes ao grupo de baixa renda. Ressalta-se, ainda, que o foco do Trilhas era apoiar o

desenvolvimento de negócios tradicionais, condizentes com a realidade de parcela importante dos negócios dos estudantes.

O desenvolvimento dos projetos finais dos participantes de cada trilha foi acompanhado por consultores especialistas. Essa ação teve o intuito de, para além de fornecer apoio às iniciativas empreendedoras dos estudantes (Okolie, 2025), melhorar o acolhimento e possibilidades de permanência dos discentes (Santos Junior & Real, 2019) e atuar como agente socializante (Degen, 2008).

Quanto aos produtos finais desenvolvidos pelos alunos, no que se refere à *Trilha Empreendedor em Operação*, ao final da trilha cada estudante elaborou um projeto de melhoria do seu negócio, acompanhado pelo consultor designado conforme o perfil do empreendimento. Além de informações gerais sobre o negócio, o projeto final deveria ter um objetivo de melhoria e o plano de ação, englobando área(s) focada(s), ações prioritárias, indicadores de sucesso, projeções financeiras e próximos passos. Já em relação à *Trilha Empreendedor Potencial*, o projeto final consistiu na formulação de um plano de criação do negócio, cujo desenvolvimento também foi acompanhado pelo consultor responsável. Nesse sentido, o projeto final continha informações gerais sobre o potencial negócio, plano de ação, englobando desenvolvimento do modelo de negócio, ações prioritárias e indicadores de sucesso e próximos passos.

A equipe do projeto foi composta por quatro instrutores para as oficinas, quatro consultores, o coordenador do projeto, uma gestora do projeto, uma gestora administrativa, um designer e os mentores, que eram empreendedores voluntários ou pessoas do ecossistema empreendedor local. Ao todo, foram ofertados quatro encontros de apresentação do Trilhas e dos participantes, 20 oficinas distribuídas em quatro conteúdos, mais de 120 horas de consultorias individuais, cerca de 30 horas de consultorias coletivas, sete encontros com empreendedores de diferentes áreas, uma palestra sobre gestão do tempo, um encontro com representantes de comunidades de empreendedores locais, um encontro sobre oportunidades para empreendedores oferecidas pela UFG e parceiros e duas feiras de negócios, que funcionaram como espaços de conexão entre universidade, mercado e iniciativas locais.

As atividades realizadas possibilitaram aos estudantes interação, aprendizados, trocas de conhecimentos e experiências, para que pudessem transformar suas ideias de negócios e empreendimentos em ações mais concretas, conscientes e sustentáveis (Bulgacov *et al.* 2011). Ao final do projeto, foi enviado um formulário de avaliação aos participantes. Todos os respondentes indicaram que o Trilhas de Empreendedorismo UFG contribuiu, de alguma forma, para o desenvolvimento de seus negócios.

Dentre os aspectos avaliados, foi relatada a preferência pelas consultorias individuais, em detrimento das consultorias coletivas. Os estudantes mencionaram que se sentiram mais à vontade para compartilhar informações apenas com o(a) consultor(a). A palestra sobre gestão de tempo foi apontada como um dos momentos mais marcantes para os empreendedores de ambas as trilhas. As feiras também foram avaliadas positivamente, no entanto, os estudantes informaram que as datas de realização dos eventos ficaram muito

próximas ao final do semestre letivo, justificativa que indica a necessidade de uma melhor articulação das datas considerando o calendário acadêmico e o desenvolvimento das atividades do Trilhas, conforme já destacado anteriormente nesta seção. Como benefícios percebidos, os participantes da Trilha Empreendedor em Operação mencionaram a implementação de controle financeiro e fluxo de caixa, aumento da presença digital do negócio, aumento nas vendas, melhoria na gestão do negócio, melhor gestão do tempo, delimitação do público-alvo, criação de novos produtos e serviços e reavaliação do modelo de negócio. Alguns relataram que o negócio já representa de 10 a 25% da renda mensal. Em relação aos participantes da Trilha Empreendedor Potencial, foi relatada a organização e desenho da ideia de negócio, mapeamento de potenciais clientes, planejamento operacional do negócio, delimitação de atividades do negócio, visão ampliada de um negócio, noções de pesquisa de mercado, divulgação do serviço em redes sociais, precificação, formação de networking, dentre outros aprendizados. Tais melhorias se alinham à meta 4.4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2025), que dentre os seus objetivos inclui a ampliação de competências técnicas e profissionais para o trabalho decente e o empreendedorismo.

Por outro lado, o principal ponto de melhoria do projeto identificado no levantamento foi o período de duração (quatro meses), sendo sugerida a ampliação em edições futuras. O projeto funcionou como uma abordagem alternativa utilizada para estimular o desenvolvimento de habilidades empreendedoras dos discentes, por meio da aprendizagem ativa, colaborativa e orientada à resolução de problemas reais (Amadi-Echendu et al., 2016; Silva et al., 2021), considerando a realidade dos negócios dos estudantes, em vez de priorizar apenas negócios tecnológicos e inovadores (Tung et al., 2023).

## **7 Conclusão e Contribuições Tecnológicas e Sociais**

O Trilhas de Empreendedorismo UFG mostrou-se uma iniciativa relevante no desenvolvimento do empreendedorismo por estudantes de graduação, combinando acessibilidade, prática e alinhamento à realidade dos participantes, com destaque para o apoio a estudantes de baixa renda e interessados em negócios tradicionais. Seus impactos se estenderam ao campo social, com a criação de redes de apoio, fortalecimento comunitário e incentivo ao protagonismo estudantil, e ao campo tecnológico, com o uso de plataformas digitais, ferramentas colaborativas e metodologias ativas que ampliaram o acesso ao conhecimento, tornando o projeto passível de replicação em outras IES.

Os resultados preliminares da primeira edição apontam contribuições relevantes para o fortalecimento da autonomia socioeconômica dos participantes, por meio do aumento da renda e do desenvolvimento de competências empreendedoras. Evidenciam ainda que ações de educação empreendedora, quando integradas a políticas institucionais e fundamentadas em práticas inclusivas, podem gerar efeitos concretos. Assim, o Trilhas de Empreendedorismo UFG configura-se como resposta prática à demanda por transformação social e promoção de uma educação empreendedora inclusiva, prática e crítica.

## Referências

- Amadi-Echendu, A. P., Phillips, M., Chodokufa, K., & Visser, T. (2016). Entrepreneurial education in a tertiary context: A perspective of the University of South Africa. *International Review of Research in Open and Distributed Learning*, 17(4), 21-35.
- Andifes. (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018*. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2020/01/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>
- Aronson, P., & Fleming, M. (2023). “I have to start from where I’m capable”: How low-income postsecondary students overcome financial and academic obstacles. *Journal of Youth Studies*, 26(4), 473-490. <https://doi.org/10.1080/13676261.2021.2010692>
- Barroso, P. C. F., Oliveira, Í. M., Noronha-Sousa, D., Mateus, C. C., Vázquez-Justo, E., & Costa-Lobo, C. (2022). Fatores de evasão no ensino superior: uma revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26, e228736. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022228736>
- Biancolino, C. A., Knies, C. T., Maccari, E. A., & Rabechini Jr., R. (2012). Protocolo para Elaboração de Relatos de Produção Técnica. *Revista de Gestão e Projetos*, 3(2), 294-307. <https://doi.org/10.5585/gep.v3i2.121>
- Brown, T. (2020). Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Alta Books.
- Bulgacov, Y. L. M., Cunha, S. K., Camargo, D., Meza, M. L., & Bulgacov, S. (2011). Jovem empreendedor no Brasil: A busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão? *Revista de Administração Pública*, 45(3), 695–720. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000300007>
- Degen, R. J. (2008). Empreendedorismo: uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. *Revista de Ciências da Administração*, 10(21), 11-30.
- GEM Brasil. (2024a). *GEM: Empreendedorismo no Brasil 2023 – Relatório executivo* (Coord. S. M. S. S. Greco). <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Relatorio-Executivo-GEM-BR-2023-2024-Diagramacao-v5-1.pdf>
- GEM Brasil. (2024b). *GEM: Empreendedorismo no Brasil 2023 – Recorte temático: Faixa etária* (Coord. S. M. S. S. Greco). <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/06/BR-RT-Faixa-Etaria-2023-2024-v2.pdf>
- Martens, C. D. P., Pedron, C. D., & Oliveira, J. C. de. (2021). Diretrizes para elaboração de artigos tecnológicos, artigos aplicados ou relatos técnicos de produção com ênfase profissional. *Revista Inovação, Projetos e Tecnologias*, 9(2), 143–147. <https://doi.org/10.5585/iptec.v9i2.21117>
- Ministério da Educação. (2024, julho). *Política Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes)*. <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnaes>
- Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. (s.d.). *Cadastro Único*. <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/cadastro-unico>
- Nierotka, R. L., Bonamino, A. M. C. de, & Carrasqueira, K. (2023). Acesso, evasão e conclusão no ensino superior público: Evidências para uma coorte de estudantes. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 31(118), 1–24. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362022003003107>
- Nierotka, R. L., Salata, A., & Martins, M. K. (2023). Fatores associados à evasão no ensino superior: Um estudo longitudinal. *Cadernos de Pesquisa*, 53, e09961. <https://doi.org/10.1590/198053149961>
- Okolie, U. C. (2025). A longitudinal study of conditional student entrepreneurship in an emerging economy. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 49(1), 89-128. <https://doi.org/10.1177/10422587241254062>
- Santos Junior, J. da S., & Real, G. C. M. (2019). Fator institucional para a evasão na educação superior: análise da produção acadêmica no Brasil. *Revista Internacional de Educação Superior*, 6, e020037. <https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8656028>
- Sarasvathy, S. (2001). Causation and Effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, 26(2), 243-263.
- Saunders, M., Lewis, P., Thornhill, A. (2009). *Research methods for business students* (5th ed.). Pearson.
- Silva, C. P. de S., Pereira, E. C. de S., & Guimarães, J. de C. (2021). Educação empreendedora no ensino superior: uma análise sob a perspectiva dos estudantes de Administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(4), 82-100. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51262>
- Tung, T. M., Huong, D. T. T., & Oanh, V. T. K. (2023). An investigation on knowledge-based entrepreneurship in higher education. *International Journal of Professional Business Review*, 8(9), 1–10. <https://doi.org/10.26668/businessreview/2023.v8i9.3689>
- UNESCO. (2025). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. *Educação de Qualidade*. <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>
- Universidade Federal de Goiás. (2024). *Analisa UFG: Painel de análise de dados da Assistência Estudantil*. <https://analisa.ufg.br/p/34884-assistencia-estudantil>
- Universidade Federal de Goiás. (2024, 12 de setembro). *Live de lançamento das Trilhas de Empreendedorismo UFG* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=zSPDjp9giFA>

Universidade Federal de Goiás. (2025). *Dados da Graduação: plataforma de análise de dados da UFG*. Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD). <https://prograd.ufg.br/p/36189-dados-da-graduacao>.  
Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (D. Grassi, Trad.; 2ª ed.). Bookman.